



Estratégias de Saúde, direitos e geração de renda para sujeitos de Educação de Jovens, Adultos e Idosos do Campo

FREITAS, Maria da Conceição da Silva_ Autor 1

mcsilva@unb.br_ Autor 1

Universidade de Brasília_ Autor 1

Brasil_ Autor 1

ARAÚJO, Neuza de Farias_ Autor 2

nfariasaraujo@gmail.com _ Autor 2

Universidade de Brasília_ Autor 2

Brasil_ Autor 2



RESUMEN

As oficinas foram estruturadas com enfoque de gênero— como ação para integrar os sujeitos alfabetizando da Educação de Jovens e Adultos – incluindo aspectos interdisciplinares: saúde, direitos de trabalhadores (as) rurais e geração de renda, numa perspectiva solidária. Tiveram origem na proposta curricular do Projeto Tecendo a Cidadania no Campo (Tecicampo), fundamentada na teoria crítica, cujo significado de currículo é tomado como um espaço de organização do conhecimento que parte da realidade do sujeito para a transformação do seu contexto dentro de uma visão social e histórica do mundo (APPLE; MOREIRA; SILVA, 2011). O currículo é entendido como um espaço de diálogo entre os saberes que ligam a escola, a sociedade e a vida. A ideia emergiu das observações dos monitores e as educadoras, durante as atividades de sala de aula e foram trazidas para as reuniões de coordenação pedagógica. As educadoras relataram sobre a falta de conhecimento e de orientação das pessoas para desenvolver estratégias comunitárias de acesso e usufruto dos bens sociais disponibilizados pelas instituições de saúde, previdência social, assistência técnica e às políticas públicas destinadas aos beneficiários da Reforma Agrária. A permanência dos assentados nas terras da Reforma Agrária é determinada pela atividade rural para geração de renda. Portanto, para se manter na condição de produtor rural se faz necessário ter acesso ao conhecimento dos variados arranjos produtivos locais para a geração de renda dos assentados, e isso implica criar novas formas de convivência, baseadas na solidariedade. As oficinas possibilitaram a criação de ambiente para discutir e articular estratégias de empoderamento dos educandos em relação à solidariedade, saúde, direitos e cidadania. Buscou-se ampliar a sala de aula para conviver com a diversidade e abordar sobre os direitos sociais de forma integrada. O recorte de gênero foi uma estratégia para tratarmos sobre as questões cotidianas que afetam homens e mulheres: saúde, direitos e geração de renda. O respeito à diferença norteou o processo formativo de modo que estas questões fossem enfrentadas cotidianamente e os educadores pudessem estar preparados para fortalecer as relações igualitárias entre homens e mulheres.

Palabras clave

Movimentos sociais – Gênero – Educação de Jovens e Adultos do Campo



ABSTRACT

Estrategies for Health, Rights and Income for people in Young & Adult education in the countryside. These workshops have been structured as an action to integrate literate subjects from Young & Adult education including interdisciplinary aspects: Health, rural worker rights and income generation in a solidary perspective. They have been originated by the curricular proposal from the project “Weaving Citizenship in the Countryside (Tecicampo, Portuguese acronym)”. Founded on critical theory, the meaning of curriculum here is the space in which one’s knowledge organization takes place, being incepted into one’s reality through his own context and historical and social views (APPLE, 2006; MOREIRA, 2011; SILVA, 2004). These authors inspired us to understand curriculum as a space of dialogue between knowledge acquired in school, society and life. The idea emerged from talks between the school’s student assistants and educators during classroom activities and were brought to meetings with the pedagogical coordination. The educators brought us observations remarking the people’s lack of knowledge and orientation regarding ways of developing community strategies for access and use of the social goods available in health institutions, social care, technical assistance and public policies for those benefitted by the Agrarian Reform. The permanence of settlers in lands marked by the Agrarian Reform is determined by income generating agricultural activities. The students yearn for more information about their access to social goods. Therefore, to maintain one’s condition as a rural producer, having knowledge of various forms of income generation is a must, and this implies in creating new forms of coexistence, based on solidarity. The workshops appeared as a possibility of creating a place where to discuss and articulate strategies for the student’s empowerment towards solidarity, health, rights and citizenship. As a result, the classroom was amplified, to coexist with diversity so as to approach social rights in an integrated way. Gender profiling was necessary strategy when dealing with everyday affairs that affect both men and women: health, rights and income generation. The idea was on treating the subject focusing on respect towards differences. In the formative process these questions must be faced every day and educators must be prepared to empower equalitary relations between men and women.



Keywords

Social Movement - Gender - Young & Adult education in the countryside



I. Introdução

Um dos objetivos do Projeto Tecendo a Cidadania no Campo (Tecicampo), realizado de 2012 a 2014, na Região do Serão Mineiro Goiano, foi capacitar os sujeitos do campo – alfabetizando da Educação de Jovens e Adultos – para usufruir dos direitos sociais disponibilizados pelas instituições de saúde, previdência social e de assistência técnica rural. O problema é que a permanência dos assentados nas terras da Reforma Agrária é determinada pela atividade rural para geração de renda. Disso decorre que os educandos anseiam por mais informação sobre o acesso aos bens sociais. Portanto, para se manter na condição de produtor rural se faz necessário ter acesso ao conhecimento dos variados arranjos produtivos locais para a geração de renda dos assentados. Por consequência, isso implica em criar novas formas de convivência, baseadas na solidariedade.

A proposta curricular do Tecicampo fundamentou-se na teoria crítica, cujo significado de currículo é tomado como um espaço de organização do conhecimento que parte da realidade do sujeito para a transformação do seu contexto dentro de uma visão social e histórica do mundo (APPLE, 2006; MOREIRA, 2011; SILVA, 2004). Daí entende-se o currículo como um espaço de diálogo entre os saberes que ligam a escola, a sociedade e a vida. As oficinas surgiram como possibilidade da criação de ambiente para discutir e articular estratégias de empoderamento dos educandos em relação à solidariedade, saúde, direitos e cidadania.

A compreensão do currículo como espaço dialógico permitiu que focássemos as questões de gênero – como um tema gerador capaz de oferecer subsídios para o tratamento integrado da problemática da implementação das políticas públicas de educação e cidadania. O recorte de gênero foi uma estratégia necessária para tratarmos sobre as questões cotidianas que afetam homens e mulheres: saúde, direitos e geração de renda. Buscou-se tratar o tema com enfoque no respeito à diferença. No processo formativo estas questões precisam ser enfrentadas cotidianamente e os educadores devem estar preparados visando o fortalecimento das relações igualitárias entre homens e mulheres.



II. Demandas dos Movimentos Sociais a partir da perspectiva de gênero

O gênero é uma categoria historicamente construída. Segundo Heleieth Saffioti em sua obra *Gênero, patriarcado, violência* (2004) onde se faz usos da categoria gênero, a autora revisita a construção dessa categoria e, contrapondo-o à utilidade do então *desgastado* conceito de patriarcado. Saffioti conclui seu livro reivindicando a importância da categoria “patriarcado” em detrimento de “gênero” ou, ao menos, da utilização exclusivista do último. Heleieth Saffioti (1934-2010), socióloga brasileira, investigou ao longo de sua vida a questão da violência contra a mulher e da associação entre capitalismo e patriarcado.

A questão é que gênero ganhou tamanha centralidade no debate feminista, que jogou o “patriarcado” para o escanteio. As sofisticações teóricas de variadas correntes do feminismo desqualificaram completamente a noção de uma “ordem patriarcal de gênero”. É justamente essa exclusividade do conceito de gênero que incomoda Saffioti. No caso da violência doméstica: quando o conceito de patriarcado aparece de forma gritante, o que, na visão de Saffioti, demonstra a importância de se pensar nas relações patriarcais, antes das relações de gênero, e de se questionar qual seria o interesse por trás da desconstrução do sentido do patriarcado em benefício dos ricos usos do gênero. Saffioti ressalta que nos últimos milênios da história, as mulheres estiveram hierarquicamente inferiores aos homens. “*Tratar esta realidade exclusivamente em termos de gênero distrai a atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, ‘neutralizando’ a exploração-dominação masculina*” (SAFFIOTI, 2004, p. 136).

Para Saffioti (2004), o gênero está longe de ser um conceito neutro. Pelo contrário, ele “*carrega uma dose apreciável de ideologia*” (p. 136): justamente a ideologia patriarcal, que cobre uma estrutura de poder desigual entre mulher e homens. Porque o conceito de gênero, na sua visão, não atacaria o coração da engrenagem de exploração-dominação, alimentando-a. Assim, se gênero é um conceito útil, rico e vasto, sua ambiguidade deveria ser entendida como uma ferramenta para maquiar exatamente aquilo que interessa ao feminismo: o patriarcado, como um fato inegável para o qual não cabem as imensas críticas que surgiram (SAFFIOTI, 2004). A importância da contribuição dessa feminista brasileira decorre da sua leitura sobre o conceito de gênero,



empenhando esforços para conciliar, mesmo sob tensão, duas “estruturas sociais” (gênero e patriarcado) na compreensão das questões feministas. (Ensaio de Gênero 2012)

2.1. Divisão sexual do trabalho

A expressão divisão sexual do trabalho tem sido utilizada, recentemente no contexto de estudos de gênero e da nova divisão internacional do trabalho, para designar as mudanças no mercado, na distribuição de capital e para se entender os diferentes papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade e no processo de produção. Essas diferenças são abordadas com o olhar sobre os aspectos biológicos destacando as diferenças no papel reprodutivo. Este debate ganha nova qualificação com as críticas introduzidas pelas feministas. A separação das esferas privada e pública na sociedade capitalista, na qual têm cabido às mulheres a esfera privada e de cuidados com os filhos o trabalho doméstico o cuidado com idosos crianças e animais domésticos. Enquanto aos homens é designado o trabalho na esfera pública e as atividades de maior prestígio.

A contribuição de Helena Hirata (1994) sobre a discussão do conceito de trabalho e reflexão sobre a crise se situa no âmbito de uma tentativa de reconceituação da definição de trabalho feita a partir da introdução no centro da análise da dimensão gênero ou sexo social e da dimensão norte – sul ou divisão internacional do trabalho. Forças de exploração e de opressão entre duas categorias de sexo socialmente construídas —, a supremacia concedida a um dos elementos destas relações, a opressão/dominação sexual ou a superexploração econômica, constituiu uma das principais diferenças a separar o campo das pesquisas da análise dos movimentos feministas, tanto nos países do Norte quanto nos do Sul. Relações de classe ou relações de sexo, antagonismos de classe ou antagonismos de sexo, tudo se passava como se a importância dada a uma destas relações implicasse deixar a outra em um plano secundário. Foi Danièle Kergoat (1978, 1982, 1984) quem conceituou estas duas relações sociais em termos de "coextensividade", isto é, em termos de recobrimento parcial de uma pela outra. Trata-se, de fato, de "recusar hierarquizar estas relações sociais (...). Uma relação social não pode ser um pouco mais vigorosa do que outra; ela é, ou não, uma relação social" (Kergoat, 1984, p.210).



A construção do sujeito histórico mulher no contexto social e político se configura no que explica Touraine sobre a emergência dos movimentos feministas na América Latina, mesmo havendo uma certa dispersão da ação coletiva. O desenvolvimento histórico e sua vitória seria a grande contribuição na história recente da América Latina, por parte dos diferentes movimentos sociais, foi na construção do processo de redemocratização do continente. Este processo atualmente encontra-se um pouco estagnado não se tendo atingido o nível da participação decisória, substância ímpar da democracia. Neste sentido, é importante caminhar na direção da construção dos valores democráticos, não só no plano das leis, mas no da prática social do cotidiano no campo econômico, social, cultural e político. Nesta perspectiva, alguns movimentos latinos americanos estão sendo cada vez mais estrategicamente políticos do que apenas sociais, constituindo-se como interlocutores que dialogam diretamente com o Estado. Por isso, desenvolver a capacidade de intervir e construir a esfera pública é um grande salto estratégico dos movimentos sociais. Touraine coloca os movimentos sociais no centro da reflexão sociológica, atribuindo-lhes uma ação histórica de relevância, de modo particular, no século XXI. Neste contexto situamos os movimentos sociais do campo e o movimento feminista.

2.2. Movimentos Sociais e participação diferenciada de gênero

Segundo Alain Touraine, os movimentos sociais são ações sociais que permitem um relativo progresso social. Este autor faz uma diferença entre as noções de “ação social” que é relativa aos atores e dos “movimentos sociais”, referentes à mudança. Para que um movimento social exista, segundo ele, é preciso ter muitos indivíduos representando a sociedade, ter um movimento duradouro e ter um ponto de referência onde os indivíduos compartilhem uma relativa identidade. Para Alain Touraine, os movimentos sociais se caracterizam em três pontos fundamentais: Identidade: quem vai à luta?; Oposição: quem é o adversário? e, Totalidade: por que e para que lutar? Que seria lutar e ter um projeto de sociedade?. Quando os três princípios estão juntos, isso gera uma “consciência coletiva”. Segundo ele, nos nossos dias, não existe nenhum movimento que corresponda à sua definição de movimento social. No seu entendimento, as lutas dos sujeitos, decorrentes de conflitos sociais, que visam um acesso ao poder de decisão, são iniciativas



portadoras de mudança e de transformações sociais. Assim, a passagem das lutas aos movimentos sociais é a busca do controle “dos modelos culturais, da historicidade” que pode resultar em rupturas políticas ou reformas institucionais.

Todavia, a situação investigada apresenta aspectos identificados pelo autor que a caracterizam como movimentos sociais. Primeiro, porque a Educação do Campo exige que se analise a luta dos movimentos sociais dos camponeses pelo direito a um processo educativo que leve em consideração suas especificidades e demandas. Quer dizer que é preciso entender e defender o direito que uma população tem de pensar a educação a partir do lugar onde vive. Para Caldart (2012 p, 260, citada por FREITAS *et al* 2016) a Educação do Campo “... não é *para* nem apenas *com*, mas sim, *dos* camponeses, expressão legítima de uma pedagogia *do* oprimido. Combina luta pela educação com luta pela terra, pela Reforma Agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar, ao território.”

A expressão divisão internacional do trabalho diz respeito à posição dos países no mercado e no processo produtivo global. Bem como à dinâmica dos padrões de acumulação de capital no contexto do planeta. Na atualidade a globalização altera a expressão das empresas, bem como o fluxo da força de trabalho entre os países, principalmente a relação centro periferia, as relações entre países capitalistas desenvolvidos países emergentes e países pobres, ou com pouco potencial de competição no que se refere a uma economia global. Essa divisão internacional do trabalho cria impactos nas sociedades. No caso dos assentamentos, gera conflitos. A agricultura familiar é sufocada pelo agronegócio. Observa-se a pluriatividade das mulheres para a subsistência das famílias, onde cada vez mais são exploradas, sendo obrigadas a desenvolver atividades na área urbana no caso dos serviços a domicilio para gerar renda a fim de sustentar suas criações de animais domésticos suínos e aves. A resiliência dos movimentos sociais constitui o cerne da educação do campo que prevê que a educação seja do campo e no campo.



III. Metodología

3.1. Planejamento – a noção de gênero como tema integrador

O planejamento das ações foi feito nas reuniões com a equipe de coordenação. Quando os especialistas de cada área faziam a exposição de seus conteúdos específicos e, então eram introduzidas as questões de gênero que se apresentam de modo transversal às temáticas propostas no projeto. Realizamos quatro oficinas em assentamentos rurais diversos, no período de 2013 a 2014.

A primeira oficina foi sobre o tema de Saúde Integral foi denominada “Encontro de trocas de experiências no campo da saúde”. Na reunião preparatória esclareceram-se e definiram-se os assuntos a serem abordados, levando em conta o perfil de terceira idade dos nossos educandos: aposentadoria, saúde da mulher – envelhecimento, menopausa – relação com o posto de saúde. Quanto à saúde do homem: andropausa – próstata, machismo etc.

3.2. A tecitura da parceria institucional

O objetivo da segunda e terceira oficinas: “Direitos do Trabalhador Rural” foi trazer as informações sobre os direitos e deveres do trabalhador rural por meio da construção da parceria com as instituições responsáveis pela implementação das políticas públicas de previdência social, assistência técnica rural e da reforma agrária, que já desenvolvem ações informativas para os cidadãos. O entendimento estabelecido entre as instituições envolvidas tomou como meta os objetivos de– ampliar o acesso aos bens sociais e contribuir para o fortalecimento da participação social dos sujeitos. A partir daí foram traçadas estratégias para a ação.

A programação prevista para a segunda oficina ficou configurada como a seguir: 1. Abertura: Apresentação sobre a importância de conhecer os caminhos para o acesso às políticas públicas, a cargo da Universidade, Coordenação Pedagógica do Tecicampo; 1.1.– Direitos do trabalhador visto pelo ângulo de gênero. O papel da mulher. Desenvolvido pela estudiosa de gênero; 2. Informações sobre a reforma agrária – fomento, habitação, acesso ao crédito rural. INCRA(Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) - Sob a responsabilidade da área Técnica; 3. Aposentadoria- benefícios, novo cadastro especial para os trabalhadores rurais. Palestra



desenvolvida pelo INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social); 4. Assistência Técnica e Associativismo. Palestra desenvolvida pela Emater/DF (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal).

Na data prevista, chegamos ao assentamento, depois de duas horas e meia de viagem em estrada de chão. No local do evento encontravam-se presentes cerca de 64 pessoas, incluindo assentados e lideranças comunitárias. Podemos inferir que a motivação tenha sido pela oportunidade de receber informações sobre assistência técnica rural da Emater ligada ao crédito e financiamento da produção.

3.3. O desenvolvimento do diálogo institucional e intergeracional: vencer o medo de perguntar

A terceira Oficina de Direitos do trabalhador(a) rural realizou-se, em 16 de junho de 2014, em Padre Bernardo, no Assentamento Vereda II. Com a presença de 43 pessoas, assinantes da Lista de Presença. Foi elaborado um Texto Roteiro com aportes sobre gênero e trabalho que serviu para a abertura do evento. O evento iniciou com a descrição do objetivo do nosso trabalho pela introdução da temática da divisão internacional do trabalho tendo a divisão sexual do trabalho como elemento componente desta estrutura, e os impactos da globalização nas atividades laborais do campo. A partir daí definimos quatro pontos para desenvolvimento do diálogo com os participantes das oficinas:

- A importância da democracia

A democracia permite que se possa construir espaços para conversas nas quais as pessoas sintam-se seguras para fazer perguntas sem medo errar, ou de parecer que não conseguem entender as coisas, ou mesmo porque demoram demais para entender. A ideia é a de que este é o nosso espaço. É assim que vivenciamos o *diálogo* no processo de ensino e de aprendizagem.

- Avaliação

Por um lado, o que se aprende na escola pode ser medido por meio de testes e provas. Significa que precisamos do reconhecimento que se dá por meio da certificação emitida pelo sistema formal, representado pelas Secretarias Municipais de Ensino. Por outro lado, as aprendizagens que os educandos adquirem na sua vivência do dia a dia em contato com as instituições, isto é: os bancos, hospitais, assistência técnica, contatos com o Incra etc também podem ser avaliadas pelo sucesso



de conseguir se comunicar, de entender o que precisa ser feito para conseguir um benefício.

- **Gênero**

O trabalho tem cor e divisão sexual porque ele envolve os trabalhadores e as trabalhadoras. A mulher enquanto força reprodutiva e produtiva, quer dizer, enquanto mãe que cuida dos filhos e da casa, e como trabalhadora rural ela também cuida da plantação e dos animais, contribuindo para a geração de renda familiar.

- **Diálogo Intergeracional**- Os alunos da Educação de Jovens e Adultos buscam a escola para se comunicarem com os mais jovens. Eles querem se atualizar para não ficarem para trás. Eles precisam do apoio dos familiares, principalmente dos jovens porque eles estão buscando o diálogo com os filhos e netos que são a geração que vai dar continuidade e sustentabilidade para o assentamento rural. Para começar o debate colocamos perguntas tais como: *Voce tomou banho no mesmo rio que a sua avó se banhou? Se não, por que? Qual é a diferença que tem este rio de ontem e o de hoje? Qual rio que você vai deixar para os seus netos e bisnetos?*

A quarta oficina 4 “Geração de Renda e Sustentabilidade” foi realizada no dia 09/11/2014, com a presença de 29 participantes no assentamento Renascer, em Planaltina, DF. A abordagem fundamentou-se nas estratégias traçadas e desenvolvidas nas Conferências Nacionais por uma Educação no Campo – 1998 e 2004 – as quais entendem que os processos educativos devem estar relacionados com a realidade do campo como espaço de vida, visando estimular o protagonismo dos sujeitos do campo na construção de políticas públicas de desenvolvimento rural e de sustentabilidade. A equipe desenvolveu temas específicos:

- **Especialista 1 em Economia Solidária (Professora universitária):** Trabalha com o tema da economia solidária. Apresentou questões sobre a Ecosol e a importância para o empoderamento da mulher, e um vídeo sobre o trabalho da Ecosol. Alguns dos assentados relatam que já participaram de formações do CEFES (Centro de Formação em Economia Solidária), porém devido à conjuntura interna do assentamento a época, foram “podados” e não puderam repassar o conhecimento.



- **Especialista 2 em Produção e Comercialização da Agricultura Familiar (Professora universitária):** Trabalha com a questão da geração de renda. Lembra do fato de como a agricultura familiar não produz em grande escala, ela encontra grande dificuldade de acesso ao mercado. Para resolver o problema, uma das formas de se gerar renda é acessando alguns programas governamentais voltados para o agricultor familiar como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), o PAPA-DF (Programa de Aquisição da Produção da Agricultura) e o PRONAF (Programa Nacional de Desenvolvimento da Agricultura Familiar).

- **Especialista 3 em Gênero- (Professora universitária):** Trouxe alguns dados da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) que demonstram que as mulheres são responsáveis por mais da metade da produção de alimentos no mundo. Afirmou que a mulher tem uma jornada tripla, pois cuida da casa, dos filhos e da produção. Trabalhar a questão de gênero não significa colocar a mulher acima do homem, mas possibilitar a participação equitativa na organização e gestão do assentamento.

As participantes destacaram o papel conciliador das mulheres dentro do assentamento, principalmente quando há ameaças externas aos assentados. E chamou os homens a também participarem da produção de artesanato e biscoitos.

-**Coordenador Local do Projeto Tecicampo (Agricultor):** Trabalhou sobre a agroecologia e agrofloresta. Ultimamente, as pessoas buscam uma vida mais saudável e a boa alimentação é um dos focos, principalmente o consumo de alimentos orgânicos, isso gerou oportunidade de mercado para o agricultor familiar. No sistema de agrofloresta busca-se plantar vários alimentos em um ambiente só: “*Tudo junto e misturado*”. Evita-se, assim, a exaustão da terra e a produção tem uma qualidade superior, a própria interação entre as plantas diminui a proliferação de pragas, e uso de agrotóxicos. Porém é necessário aprender técnicas de manejo. Também falou sobre o uso de sementes crioulas (sementes tradicionais que não passaram por nenhuma modificação genética). Os participantes levantaram foi a questão da certificação para produtos agroecológicos que é burocrática e exigente.



IV. Análise e discussão de dados

Na oficina sobre saúde, a estratégia da abordagem da saúde do homem antes da saúde da mulher permitiu um diálogo entre as famílias. Mulheres e homens falaram sobre as dificuldades que vivenciam para manter a saúde. E, ao mesmo tempo sobre alguns tipos de práticas e chás que fazem antes de buscar assistência médica. Conforme o depoimento de um participante: JARN: (homem) : *"Eu achei bom por causa que eu nunca vi esta palestra da saúde. Foi muito importante para nós que não sabíamos (..) Sobre a hipertensão. (...) pressão alta e diabetes. Sobre a saúde do homem e da mulher percebi que o homem tem medo de ir ao médico. A mulher vai todo mes para fazer exame de mama. Nota 10"*. Posteriormente, num encontro de formação de educadores, a professora destes educandos nos informou que um senhor foi procurar o posto de saúde e submeteu-se a uma cirurgia de próstata, voltou para a aula e continuou os estudos. Agradeceu a informação dada na oficina. Avaliamos que as informações foram significativas para a vida dos educandos.

.

As oficinas iniciavam com a **exposição dialogada** a partir do roteiro estruturado. Pedimos para que os participantes comentassem sobre as mudanças que a modernidade trouxe para a agricultura e de que modo tem afetado a vida do trabalhador rural. Foram expostos argumentos pré-elaborados para serem discutidos com os presentes:

1) A **mudança tecnológica** introduz novos modos de produção na agricultura. Surgem novas tecnologias no campo. O modo de vida, os instrumentos de trabalho já não convivem com as novidades tecnológicas. O uso da enxada é substituído por qual instrumento?

2) O **diálogo e o respeito intergeracional**:

- O controle do plantio e da colheita pela observação das fases da lua já não convencem mais os jovens agricultores, mesmo os da agricultura familiar. Então, qual seria o motivo dessa falta de diálogo entre as gerações?

3) Reflexão sobre a **igualdade em nosso cotidiano, se é só uma teoria ou se é uma experiência**:

- As relações entre homens e mulheres também são atingidas pelas mudanças sociais. É preciso



buscar o equilíbrio entre as atividades dos homens e das mulheres na vida cotidiana. Como é feita a divisão do trabalho nas suas casas?

4) **Tratamento de gênero pelas empresas** enquanto se modernizam, e qual o impacto na vida das pessoas?

- As empresas já entenderam que o mundo mudou e já estão introduzindo as questões de gênero na administração. Por exemplo o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) já introduziu novas políticas que beneficiam as mulheres, tais como: a documentação da mulher rural e a destinação de linhas de assistência técnica para as mulheres rurais. Voces já experimentaram buscar esses benefícios?

A pergunta norteadora deste trabalho era saber até que ponto estamos conquistando ou não, na prática nossos direitos de cidadãs e cidadãos? Os participantes trouxeram exemplos de situações vividas. Uma delas relacionada ao diálogo intergeracional a respeito do conhecimento de tecnologias ancestrais em contato com os jovens. Um descendente indígena relatou que: “(...) as pessoas já não acreditam na influência das fases da lua nas plantas. Acham que isso é ‘bobagem’.”

Na oficina sobre geração de renda os participantes apresentaram questões relacionadas o interesse da comunidade em ficar no campo e dele poder tirar seu sustento, sem a necessidade de ir buscar emprego “lá fora”, mas para isso é necessário superar algumas dificuldade de recursos básicos. Para eles a oficina: “ (...) mostrou muita coisa, nos deram mais esperança”.

V. Conclusiones

Acolher a proposta curricular fundamentada na teoria crítica, que adota o significado de currículo como um espaço de organização do conhecimento que parte da realidade do sujeito para a transformação do seu contexto dentro de uma visão social e histórica do mundo, trabalhamos em forma de diálogo entre os saberes que ligam a escola, a sociedade e a vida. As oficinas surgiram como possibilidade da criação de ambiente para discutir e articular estratégias de empoderamento dos educandos em relação à solidariedade, saúde, direitos e cidadania. Ensinar por meio do diálogo quais são os caminhos mais adequados para ter acesso aos direitos e cumprimento dos deveres de cidadã e de cidadão.



Em suma, é possível medir o exercício da cidadania? Acreditamos que conseguimos motivar o desenvolvimento de competências sociais com a ajuda dos conceitos de divisão social do trabalho que foram trabalhados em diferentes situações. O modo como homens e mulheres buscam a assistência social para a saúde impacta nas relações familiares e constroem novas relações de empoderamento. No caso, um educando do Projeto Tecicampo submeteu-se a uma cirurgia de próstata, e atribuiu esta atitude às informações obtidas na oficina.

O planejamento realizado com a parceria das instituições que atendem aos assentados rurais permitiu que mapeassemos os interesses específicos dos educandos da modalidade Jovens, Adultos e Idosos. Permitindo vivenciar conteúdos significativos para a vida dos participantes do projeto cujos indicadores estão nas falas: “ (...) *mostrou muita coisa, nos deram mais esperança*”. Outra fala expressa: “*Agora a gente pode ter voz. Diferente de antes*”.

Considerando os depoimentos das entrevistadas nossas análises consistem na constatação da divisão sexual do trabalho com imensas tarefas e responsabilidade para as mulheres e de acordo com o referencial teórico apresentado neste texto, à questão do gênero não está isolada das transformações que atingem a sociedade e o mundo do trabalho, nesses espaços acontecem às relações entre todos os gêneros e aspectos sociais, econômicos e políticos. Nossa investigação em termos das questões de gênero neste contexto de estudos é que a cidadania é um campo a ser trabalhado cujo domínio consiste na educação voltada para construção de sujeitos políticos no espaço referenciado.

VI. Bibliografía

APPLE, M.W. *Ideologia e currículo*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREITAS, M. C.S., DANSA, C. V. A & MOREIRA, J. M. C. *Pronera no Sertão Mineiro Goiano: reflexões sobre emancipação social e educação do campo*. Revista Brasileira de Educação do Campo. Tocantinópolis, v.1, n.2, p.204-230 jul./dez, 2016.

HIRATA, H., ZARIFIAN, P. *Le modele français sous le regard du Japon: l'exemple de l'agro-alimentaire*. Paris, 1994. Comunicação apresentada no 2ème. Rencontre Internationale du



KERGOAT, D. *Onvrières=ouvriers?* Critiques de l'Economie Politique, n.5, 1978. Plaidoyer pour une sociologie des rapports sociaux. De l'analyse critique des catégories dominantes à la mise en place d'une nouvelle conceptualisation. In: LE SEXE du travail: structures familiales et système productif. Paris: P.U.G., 1984.

_____. *Des rapports sociaux de sexe et de la division sexuelle du travail*. Cahiers du GEDISST, n.3, 1992a

MOREIRA, A.F e TADEU, T. (Orgs.) *Currículo, cultura e sociedade*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, T.T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TOURAINÉ, A. *O retorno do actor: ensaio sobre sociologia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.

_____. *Crítica da modernidade*. 5ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

_____. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

_____. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.